

# Economistas acham que

onomia

JORNAL DO BRASIL

## hiperinflação é inevitável

*Regina Perez*

SALVADOR — O caminho de hiperinflação será inevitável caso o governo não adote medidas eficazes de combate à inflação. O problema é que a instabilidade política e a crise de confiança no governo estão dificultando a tomada de decisões na área econômica. Ou seja, o panorama econômico é sombrio, as perspectivas políticas são imprevisíveis e a conjuntura externa é incerta. Essa a síntese do painel de conjuntura do XV Encontro Nacional de Economia, encerrado ontem pelos economistas Francisco Lopes, José Serra (também deputado constituinte pelo PMDB), Antônio Carlos Porto Gonçalves e Joaquim Cirne Toledo, em debate coordenado por Eusébio Reis, do IPEA (Instituto de Planejamento Econômico e Social).

O deputado José Serra obteve imediato apoio dos debatedores e da platéia ao proclamar que "o nó do encaminhamento da política econômica é político". Ele não vê razão para esperar nenhuma melhoria na situação econômica no próximo ano. Contribuem como fatores de incerteza o regime político e a data das próximas eleições, que dependem de decisão da Constituinte. Acrescente-se a isso o fato de que o setor público está em crise crescente desde o início da década e hoje passa pela total incapacidade de investimento. "O setor público pagou a conta do ajuste externo e isso teve consequências graves no processo de deterioração das empresas estatais", avalia Serra.

O deputado do PMDB e os demais debatedores chegaram ao consenso de que é necessária uma mudança estrutural na economia brasileira para a resolução do problema inflacionário. Em nenhum momento, um novo choque, com congelamento de preços, foi descartado, mas Antônio Porto Gonçalves acha que a crise não pode ser resolvida por meio de atalhos: "Não adianta fazer congelamen-

to sem mudar o arcabouço político e econômico", disse ele.

Essa mudança estrutural passa pela organização das finanças públicas, o que, na avaliação de Porto Gonçalves, não implica necessariamente corte de déficit. Já Joaquim Toledo vê necessidade de cortes nos custeios do governo, questão que provoca irritação no economista Francisco Lopes. O problema do déficit público, na opinião de Chico Lopes, hoje só merece ser considerado porque a sociedade acredita na "mentira" de que o déficit é a principal causa da inflação. Ele argumenta usando dados do Banco Central que indicam déficit operacional do setor público da ordem de 4,7% do PIB em 1984, de 3,7% em 1986, com previsão de 4,9% para este ano.

— O déficit do governo não está provocando pressão de demanda e, portanto, não é causa da inflação. Temos de fazer algo sobre déficit, mesmo que simbólico, porque a sociedade está alimentando expectativas inflacionárias a partir dessa mentira — argumenta Chico Lopes.

Um novo congelamento de preços também é visto com restrições pelos economistas. Eles acham que a simples expectativa de novo choque vem contribuindo para alimentar ainda mais a inflação. Porto Gonçalves chegou a se colocar contra qualquer tentativa de choque. Ele prefere até a hiperinflação: "não sou defensor da hiperinflação. Acho que ela vai ocorrer, porque não dá para segurar a situação nem com políticas de choque ortodoxas ou heterodoxas. Talvez seja melhor deixar tudo como está", argumentou o economista.

A predominância das questões políticas sobre a economia faz Chico Lopes temer uma situação semelhante à vivida pela Argentina de Isabelita Peron, quando a crise política provocou o total imobilismo no governo, levando a economia ao descontrole. A semelhança da situação brasileira com a argentina também foi

levantada por José Serra, ao mencionar o processo de deterioração econômica.

Serra acha que todos os problemas econômicos convergem para a questão da ingovernabilidade do Brasil. "O governo foi se desarticulando com a perda de legitimidade". Serra apresenta como exemplo a falta de fluxo de pagamento dentro do próprio governo: "os Estados não pagam à Eletrobrás que, por sua vez, não paga à Petrobrás, que, por não receber, também não recolhe o compulsório sobre a gasolina no FND". Ele cita ainda o caso da Autolatina e o desrespeito à política salarial como sintomas da falta de credibilidade no governo.

Serra critica até o sistema federativo, no qual os Estados usam os bancos estaduais para financiar gastos públicos. "Como podemos ter uma política econômica nacional, com um governo forte, dentro de uma federação com 24 bancos centrais emitindo recursos para uma única moeda?" Questiona Serra. Ele acrescenta a isso as diferenças regionais, com grande disparidade social entre o Sul e o Norte do país, "que podem constituir um dos impasses mais graves no processo de desenvolvimento brasileiro".

Quanto à inflação, José Serra vê apenas três saídas: "ou vamos para a hiperinflação, ou entramos num regime estilo Pinochet, ou implementamos algo de natureza heterodoxa, que ataque os problemas pelas suas frentes, acompanhado por uma mudança política de governo".

Chico Lopes também não descarta a hipótese de hiperinflação. Ele ainda vê como saída a tentativa de um novo programa de estabilização, que misture medidas heterodoxas e ortodoxas. Ele classifica o processo de hiperinflação como uma taxa de 30% ao mês, que inevitavelmente levaria a economia à dolarização. Ou seja, a aceleração inflacionária faria com que todos comessem a se guiar pela taxa do dólar, já que 1% de inflação ao dia tiraria a credibilidade até da OTN.